Número 800 — GUIMARÃES, 30 de Novembro de 1930 — Ano 6.º (3.ª fase)

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO RÈPUBLICANO PORTUGUÊS

Director, Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Emprêsa de *A Velha Guarda*

Editor, Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

Em vez de corôa

um par de mandíbulas

Um antigo republicano português, há muitos anos residente em Paris, intrigado com um artigo meu, que não soube compreender, pergunta-me, em carta, o que é que querem, afinal de contas, os monárquicos.

O que querem os monárquicos!

Estavam costumados, no tempo da monarquia, a viver à custa do contribuinte.

A comer à custa do Estado.

A digerir em paz, com todo o seu ripanso, as comedorias do orçamento, que foi sempre, para êles, inexgotável e lauta bôda.

E quizeram sempre dentro da República continuar a mesma vida.

Um velho monárquico desiludido, quando das incursões da Galiza, dizia-me filosoficamente:

—Vocês querem que os correligionários sosseguem? Querem que êles não falem mais em monarquia?

E deitando fóra a ponta de um cigarro e cuspindo para o lado, rematava:

—*Dêem-lhes de comêr...*

* * *

Este comentário era, de facto, todo um tratado de filosofia monárquica.

—*Dêem-lhes de comer...*

E, realmente, desde 5 de Outubro de 1910, a República não fez mais do que dar de comêr a monárquicos.

Enquanto os republicanos mais sacrificados eram sistemáticamente postos de lado, arredados e vexados, preteridos nas suas aspirações mais legítimas — os monárquicos abancavam á mesa do orçamento, aos bandos, aos cardumes, como se o Estado republicano não precisasse de republicanos para coisa alguma.

Contudo, os esfomeados monárquicos eram muitos e as têtas do Estado republicano eram poucas.

Poucas e exgotadas.

Poucas e demasiadamente chupadas, principalmente nos últimos anos da monarquia.

Ficaram de fóra, portanto, alguns bandos menos felizes.

E como os outros se tinham governado dentro da República com a simples recomendação de serem monárquicos — êsses excluídos espetaram ao alto de uma vara o espantalho da monarquia, e assim teem vindo, ha vinte anos, a atroar os ares com os seus clamores.

O partido monárquico, durante êste longo período, teve sempre o ar, não de um partido, mas de um simples bando precatório.

* * *

De vez em quando, á passagem do bando, cahia da mesa do orçamento uma posta qualquer. O mais ousado abria as mandíbulas, apanhava-a no ar e deixava-se ficar para traz.

Este não gritava mais.

Depois, sucedia o mesmo com outro e outro e mais outro.

E o resultado era o mesmo, sempre. Estomago satisfeito não gosta de barulhos.

Quem comia... calava-se.

De modo que eu, sempre que via algum desertar do bando precatório, lembrava-me sempre da sentença filosófica do velho monárquico desiludido, ao tempo das incursões da Galiza:

—Vocês querem que os meus correligionários não falem mais em monarquia? Dêem-lhes de comer...

* * *

Ora, aqui tem o antigo republicano português, ha muitos anos residente em Paris...

—O que querem os monárquicos?

—O mesmo de sempre. Querem comer.

Ha muito que substituíram a corôa, no pendão do bando precatório, por um par de mandibulas.

Ribeiro de Carvalho.

Da «República».

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Coisas e Loisas

Esta não lembrava ao diabo. Que um ferreiro fale da forja, ou um caçador *carapeteie* em volta do seu desporto, está certo; mas que eunucos nos venham falar da protecção a dar à família e à fecundidade, quer-nos parecer dislate. E, no entanto...

Em sonhando artigo rabiscado contra o liberalismo, um jovem integralista, impante de reaccionarismo e, como todos os beócios, de um ronceirismos ridículo, ataca o problema da fecundidade e grita, de mão na ilharga:

Como ha-de aguentar-se uma sociedade que, como a nossa, tem as *basesinhas*—a família e a fecundidade—tão arruinadas?

Se calhar, o môço, quando escrevia para a sua *folhinha*, estava a lembrar-se, babado de gôso, das proêsas amorosas da D. Carlota, das *conquistas* do seu senhor e amo D. Miguel, ou dos lascivos harens conventuais do rei brasileiro, digo, do rei magnanimo.

Aquilo sim, aquilo é que eram tempos! A santa paz da família, reinava, então, nas cabanas mais modestas e nos mais sumptuosos palácios. Que o diga Afonso VI, que foi para as ilhas pentear os paus com que o real irmão o presenteou, quando lhe tirou a mulher e o trôno. Aquilo sim...

E a respeito de fecundidade? Isso, então, temos falado. Era tanta e tamanha que em dado momento Lisbôa deu a impressão de qualquer rincão da bárbara Africa, tantos os pretinhos e as pretinhas que inçavam os palácios e as ruas. Era um louvar aos céus tão grande fecundidade; era a graça de Deus a desfazer-se em negras mercês entre os brancos, a proteger a fecundidade das brancas, com aquêle alto e avisado sentido do *crescei e multiplicai-vos*, ainda que tenhais de mudar de côr! Aquilo sim...

Ha-de ser desse tempo que o fóssil plumitivo tem saudades, dêsse tempo tão pio e tão fecundo, que só em bastardos e engeitados deu continha que ainda hoje dura.

* * *

No centro Jehovah; ao lado esquerdo um leão; à direita uma vaca. Uma vaca digo eu, embora alguém teime que é *Nemo*. Mais para os lados, acima e abaixo, meninos e meninas, cavalheiros e senhoras, em atitudes mixtas de adoração e extases.

Nas fraldas da alegoria estende-se a parangona explicativa, que, pelos modos, deve ser de vigário de polpa, e nela — e foi isto que me deu no gôto—se faz referência «aos soldados desconhecidos do grande exército dos bemaventurados».

Ora, toma! No céu também há o soldado desconhecido! Mas, então, Jehovah, Deus, o Padre, não é omnisciente? Mas, então, entra no céu quemquer?

Nada. Isto não está nos arcanos e santas escrituras. Deve ser invenção ou jôgo do director de «A Voz». Este diabo de homem bem sabe que só escondido no incógnijo poderá forçar as portas do céu. Bôa ideia.

A cara dêle, quando, disfarçado em mártir, com a grelha de S. Lourenço debaixo do braço e uma seta de S. Sebastião a prender-lhe o colarinho, se apresentar ao bom do S. Pedro e lhe disser, com a petulancia e a sobranceria conselheiresca:

—Eu cá sou soldado desconhecido do grande exército dos bemaventurados...

Que grande pândego êste *desconhecido*... Nem o Pimenta a fingir de talassa.

VELHARIAS FORENSES

por Eduardo d'Almeida

VI

Matèria assazmente (deixem-me compêr o refogado conforme os bons preceitos culinários matéria assazmente substanciosa para o estudo da organisação judiciária e dos bons costumes dos tempos declinados (aqui mete uma pitadinha de sal no estilo) no poente da história são as devassas. Ponto. Delas trata compridamente o Titulo LXV — Livro Primeiro — das *Ordenações e Leis do Reino de Portugal Recopiladas per mandado delrei D. Filipe o Primeiro*, números 31 e seguintes (na décima edição, Imprensa da Universidade — 1833, segundo a de Coimbra de 1824, tomo I, a páginas 267). A's respeitantes a determinados crimes (a prosa jurídica tende sempre a enredar-se nestas enjoativas minúcias, que lhes são, como os nomes arrevessados, esquipáticos e fonolentos da literatura médica, estruturais), lhe pertencia cabimento em outras estâncias: as, por exemplo, dos que faziam cárcere privado; dos que passavam gado, dos que tiravam para fóra do reino ouro, prata ou dinheiro nos portos de mar; dos que cortavam sovereiros, carvalhos, azinho, machieiro para fazer carvão nos lugares defêsos; dos que lançavam fôgo, dos que davam tabolagem de jôgo em sua casa, dos incestuosos e dos blasfemadores, das assuadas, dos que compravam pão, vinho e azeite para revender; dos que levavam ouro ou prata para fóra do reino, dos que atiravam com pelouros mais pequenos do que a sua espingarda, dos que caçam ou pescam em lugares e tempos defêsos—que o piedos o leitor não caírá na estopante asneira de ir procurar no Livro Quinto, tit. 95, parágrafo 5; tit. 115, § 25; tit. 113, § 6; tit. 75, § 1; tit. 86, §§ 3 e 4; tit. 82, § 4; tit. 17, § 8; tit. § 3; tit. 76 e 77, §§ 10 e 2; tit. 13, § 6; tit. 80, § 15; tit. 88, § 13 das mesmas altamente conspícuas Ordenações. Não pode, todavia, daqui deduzir-se, creio eu, desafinado «*musico*» já desbotado de memória, que todas as devassas de matéria crime estejam acantonadas naquêle distrito—o Livro Quinto—porquanto, no Livro Primeiro, de algumas se trata de natureza criminal, como sejam: as que tirava o Corregedor da Comarca dos que tivessem conversação ilícita com freiras (liv. I, tit. 58, § 32), de atirar-se com espingarda ou besta (tit. 68, § 31), dos que agasalhavam freiras sem licença — agasalhar é muito bem dito—(tit.65,§64), dos que caçavam com bois perdizes nos lugares defêsos (Ibidem, § 65), dos que levavam gado para fóra do reino, desde Junho até ao fim de Agosto de cada ano (ibidem § 67); a que pertencia ao Corregedor da Comarca sôbre os passadores, tiradores de ouro e prata; e dos que compravam pão para revender ou o atravessavam (ibid., 35). Mas umas tinham a natureza de autos crimes, outras o caracter de correições — estas diziam respeito ao funcionamenta de justiça. Apresentam semelhante aspeito (releve-se a imagem figurada) a tirada pelos Juizes dos Oficiais de Justiça, e Juizes dos Orfãos, Escrivães, etc.; a que se tirava do Juiz se fazia as Audiencias ao tempo ordenado, e despachava os feitos sem delonga; se trabalhava de prender os malfeitores, ou se os avisava para que se fossem; se levou jeiras, ou serventias, ou recebeu dádivas; se tomou mantimentos sem dinheiro ou por menos preço; se deu sôbre fiança alguns prêsos por feitos crimes; se despachou alguns feitos crimes sem apelar por parte da Justiça; se dormiu com alguma mulher, que perante êle requeresse (Livro Primeiro, tit. 65, §§ 61, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47 e 43); e as que se tiravam dos Alcaides e Meirinhos, dos Tabeliães, dos Vereadores, Juizes dos Orfãos, Escrivães, Juizes das Sisas, Procuradores, Almoxarifes, Recebedores, Almotaceis, Alcaides das Sacas, Juiz dos Residuos; dos Alcaides-móres e seus Tenentes, e Comendadores das Ordens, se traziam gado nos lugares de suas Alcaidarias, ou comendas; a que tirava o Juiz sôbre os Juizes do ano anterior, etc. (Ibid., §§ 50, 51, 52, 53, 54, 55, a 61, 66 e 71). Para esta catiteza de «*urso*» basta lêr o *Repertorio das Ordenações e Leis do Reino de Portugal* (Tomo II, Lêtras D-H, Ed. de Coimbra, Imprensa da Universidade, ano de 1795, de pág. 100 a 113).

Continúa (1)

(1) As *Velharias forenses*, pelo autor dedicadas aos seus distintos colegas da Comarca de Guimarães, teem sido publicadas em os n.os 263, 264, 267, 268, 269, 275, 278, 281, 289 e 291, do ano 6.º (3.ª fase) dêste semanário.

Joaquim Eduardo da Silva

Este nosso querido amigo e correligionário, activo e zeloso director da filial da Caixa Geral dos Depósitos, nesta cidade, acaba de ser aprovado no concurso que fez para 1.º Oficial daquele estabelecimento de crédito, ultimamente realisado em Lisboa.

Dadas as qualidades de carácter e de inteligencia dêste nosso devotado correligionário, congratulámo-nos com a sua promoção, pelo que lhe endereçamos o nosso cartão de saudações.

Assinai «A Velha Guarda»

MULHERES!

Meninas, teem a graça captivante
Dum botão de rosa
A abrir numa manhã de sol radiante,
Em manhã formosa!

Mal sabendo falar e caminhar,
E' duro o labôr...
Dos irmãos ou bonecas o cuidar...
—Louvado o Senhor!—

Crescem, e mulhersinhas já formadas
Seguem p'ró Futuro...
E se umas há que querem ser honradas,
Caiem no monturo!

E lá vão pela vida, sem ampáro,
Aos baldões da sorte!...
Ri-se delas o mundo que é ignáro,
Como um homem forte.

Sofrendo, vivem tristes e tão sós
As abandonadas...
—'Stá tão frio, meu Deus! Vela por nós!—
São as desgraçadas.

Rindo, vendendo a carne'inda tenrinha,
Sem ajustar prêço,
Na vida fácil, má e adull'radinha
Elas dão ingresso.

. . . . . .

E quando a velhice as faz declinar
Nas vidas vividas,
Destas mulheres, ninguem as quer comprar,
Por mui insabidas!

1930 L. COELHO.

A caridade da Santa Casa da Misericórdia

O CASO DO ENVENENAMENTO DUMA CRIANÇA

Foi com certa surprêsa que os habitantes de Guimarães leram aquela local inserta num dos jornais de Braga, e onde se fazia referencia ao envenenamento duma criança que bebera creosote.

Foi com certa surprêsa, repetimos, pois não passava pela mente de ninguém que, para uma simples lavagem ao estómago, necessário se tornasse recorrer ao Hospital de S. Marcos, da visinha cidade de Braga.

E' espantoso, mas foi assim mesmo!

Há uma mãe que se descuida e deixa o frasco do creosote em cima da mesinha de cabeceira; há uma inocente creança que, apanhando a mãe a dormir, bebe o liquido venenoso; há o sobressalto da mãe que acorda ao sentir as cortorsões da creança; que bate ás farmácias implorando remédio para salvar a sua filha; que, por um justificado alijar de responsabilidades, sobe a correr as ruas que dão acesso ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia; que bate aflitivamente á porta daquela casa de caridade; que pede que lhe salvem aquela criancinha que traz nos braços e a quem quer mais do que á própria vida; que chora, mendiga e pede encarecidamente... ¿E sabem qual foi a resposta que lhe deram? —Foi a de que buscasse um *cartãosinho* dum snr. doutor para assim poder ser admitida a sua filha, dando-lhe a hospitalisação.

Corre que corre, bate á porta dos snrs. doutores, e não houve meio de conseguir o tal cartão.

Poderia ter-lhe morrido nos braços a criança que era todo o seu enlêvo; poderia vê-la sofrer terrivelmente e sentir em seu coração a maior dôr; que esperanças de a salvar não teria ela, se a caridade do nosso querido amigo e correligionário, snr. José Lima, não discorresse alugar um automóvel e levá-la a Braga, onde prontamente lhe foram prestados os socorros.

Quando a Santa Casa deveria ser uma instituição que tivesse bem abertas as suas portas para receber todos aqueles que dela necessitam, a de Guimarães, tem seu privilégio e só admite á hospitalisação quem os snrs. mesários muito bem querem.

Parece impossível, mas é esta a verdade esclarecida, a boa verdade.

De há muito que a Santa Casa da Misericórdia de Guimarães é feudo de meia dúzia de monárquicos e de fidalgotes que só patacoada teem dado na administração daquela casa.

P.e Alfredo Dias Pinheiro, João Gomes d'Abreu e Lima, etc., etc., desmiolados ou parvos, nunca deixaram de usar dêsse processo mesquinho, réles e deshumano de obrigar os necessitados ao beija-mão de quem S. Ex.as entendiam ou entendem que devia fazê-lo.

E não nos venham dizer que somos exagerados em nossa apreciação ou que discutimos os factos com apaixonada parcialidade.

Em Guimarães, desde os *superavits* à maneira da hospitalisação dos doentes, a Santa Casa da Misericórdia anda devéras desviada da sua missão.

Nunca se viu isto em qualquer outra parte!

E dêstes casos, sucedem inúmeras vezes e relembram sem grande esfôrço de pensamento.

Quem se der ao trabalho de recordar o que tem feito a Santa Casa, recorda-se sempre que, algumas vezes, foi necessária a intervenção da polícia para obrigar os snrs. mesários á hospitalisação de doentes em estado grave.

¿Mas, perguntam-nos, qual é a missão das Santas Casas de Misericórdia?

Simplesmente esta: levantar cruzeiros como que a perpetuar a morte da inteligencia dos seus mandatários, morte ocorrida ao outro dia do seu nascimento, como alguem disse há dias, e com certa graça.

Isto e mais nada.

Eis o que se nos oferece dizer sôbre o ocorrido na semana finda e do que um jornal de Braga se fez éco.

Dr. Jerónimo Martins da Rocha

Foi promovido para a comarca de 1.ª Classe dos Arcos de Valdevez, o Delegado do Procurador da República na comarca de Espozende e nosso querido amigo, Ex.mo Snr. Dr. Jerónimo Martins da Rocha, que entre nós gosa de inumeras simpatias e que no exercício do seu cargo tem brilhado pelos seus dotes de inteligencia e pela sua rectidão de caracter.

Irmão do nosso devotado correligionário, snr. Agostinho Martins da Rocha e primo do ilustre Presidente da Comissão Municipal do Partido Republicano Português, Ex.mo Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, a sua promoção enche-nos de justificada alegria e orgulha-nos como vimaranenses que somos.

«A Velha Guarda» apresenta a S. Ex.ª os seus cumprimentos e felicitações.

Capitão-Aviador António Correia

Na visinha vila de Fafe fixou residencia o Ex.mo Snr. Capitão-Aviador António Correia, uma das mais distintas figuras do nosso Exército, valoroso jornalista e republicano de nobilíssimas convicções.

«A Velha Guarda» saúda S. Ex.ª e faz votos pelas suas felicidades.

Curso de explicações

para o ensino secundário e comercial

DIURNO E NOCTURNO

Falar na Procuradoria do Dr. João de Oliveira Bastos & Gomes Alves, á rua da República n.º 85.

Instrução e Republica

Compete ao Professor incutir no espírito da criança as palavras República e Democracia, do mesmo modo que o Padre lhes insinua as palavras do *Catecismo*, muitas vezes mais perniciosas do que uteis, sobretudo quando essas palavras, no geral mistificadoras, vão desorientar a inteligência e o raciocínio da criança.

E' na Escola primária que a formação do caracter do indivíduo deve ser alicerçado, mas solidamente, de modo a fazer dêle um bom Português e um bom Democrata. Esta tarefa compete ao respectivo professor, e todo aquele que assim não fizer não cumpre com o seu dever. Infelizmente, nem todos compreendem o alcance desta grande necessidade, motivo porque na Sociedade ainda não há uma noção perfeita e completa dos deveres cívicos de cada um. Esta falta, que só pode desaparecer com uma instrução estruturalmente republicana, tem de ser resolvida quando em Portugal se pensar a sério na gravidade dêste problema, isto é, quando se republicanizar o ensino, mas em todos os seus graus, de modo que algumas das nossas Escolas, desde as mais inferiores ás mais superiores, deixem de ser autênticos antros de jesuítismo e conseqüentemente autênticos geradores de reaccionários.

O Ensino Anti-Democráta é o mais forte veneno contra a República, porque êle será, sem dúvida, o seu maior inimigo no futuro. Se em todos os serviços do Estado republicano deve ser feita, em ocasião oportuna, uma selecção cuidadosa, êsse primeiro cuidado tem de ser dispensado ao Ensino. Há uma grande diferença entre educar e saber educar. A par daqueles que educam bem, outros há que educam mal, como sucede com todos os que fazem das Escolas verdadeiras Sacristias...

Aos snrs. capitalistas

Vendem-se três quintas com as respectivas sortes de mato, água e servidão, na freguesia de S. Miguel das Caldas de Vizela, concelho de Guimarães. Quem pretender, dirija-se ao snr. Rodrigo de Menezes, Casa do Carvalhal — Venda do Campo — Penafiel.

Pela Imprensa

"Reporter X,,

Sumário do n.º 17

E' sensacionalíssimo o número 17 do «Reporter X», o semanário das grandes reportagens, que é, no seu género, o maior jornal português.

Reinaldo Ferreira, o Director do «Reporter X», que foi a Londres assistir ao julgamento da casa Waterlow, publica sensacionais telegramas desvendando o mistério inicial da grande burla. «Waterlow por Dentro» é uma reportagem estupenda de revelações.

«Os Negociantes de Naufrágios» —A propósito do naufrágio do «Highland Hope», em frente de Peniche, denuncía-se a existência de uma tenebrosa quadrilha secreta e internacional que negoceia com a fatalidade.

«Um Drama da Vida Real»—do Reporter Mário, é a descrição de um episódio da vida liboeta, que foca a moral do nosso tempo.

«Os Amores de ABD-EL-KRIM» —E' uma reportagem curiosa sobre um pormenor da vida íntima do grande chefe mouro, que, por amôr de uma princêsa, tenta pela rebelião conquistar um trôno para lhe depôr aos pés.

«O Marquês de Sousa, «Parente» do Marquês de Sagres»—Foca nêste artigo uma personagem muito conhecida na praça do Porto, que, depois de ter conhecido os carceres da Alemanha, inventou o negócio das falências.

«O Fantasma de Vila Fria»—E' um drama misterioso e ignorado da província, cheio de imprevisto e de perfidias.

T. S. F....X, pleno de *potins* indiscretos, «A Famailia Fatidica dos Pina Manique», «Homens & Factos do Dia», e outros artigos e secções do «Reporter X», fazem dêle um semanário sugestivo, encantador e emocionante.

Capa a duas côres

Preço: Um Escudo

Propagai "A Velha Guarda"

Não demorem a sua inscrição de sócios na

A. S. M.

"A PREVIDENTE"

Para ambos os sexos dos 21 aos 55 anos

Presidencias dos corpos administrativos:

Assemb. Geral—*Dr. José Figueira d'Andrade*, advogado
Cons. Fiscal—*Dr. Guilherme Machado Braga*, médico
Direcção—*José Pinheiro*, corretor oficial de vinhos.

Subsidios de sobreviencia aos herdeiros dos inscritos, ou a qualquer pessôa a quem o socio leque o referido subsidio, na razão de 10 contos por cada mil socios existentes à data do pagamento.

A mais perfeita organização de sobrevivência

Peçam esclarecimentos ou propostas que serão fornecidos na volta do correio

SÉDE — Rua Passos Manuel, — PORTO

TELEFONE 4.750

Aceitam-se socios correspondentes nas localidades onde ainda não existam.

Para informações em Guimarães:

O sócio correspondente—Alberto Gomes Alves

Rua da República, n.º 85.